



casa da música

19 OUT | 2012

ORQUESTRA SINFÓNICA DO PORTO CASA DA MÚSICA

21:00 SALA SUGGIA

Pedro Neves *direcção musical*
Midori *violino*

1ª Parte

Ludwig van Beethoven

Abertura Egmont, op.84 [1810; C.9MIN.]

Paul Hindemith

Concerto para violino e orquestra [1939; C.27MIN.]

1. *Mässig bewegte Halbe* [Moderado]
2. *Langsam* [Lento]
3. *Lebhaft* [Vivo]

2ª Parte

Joly Braga Santos

Sinfonia nº 3, op.15 [1948-49; C.37MIN.]

1. *Lento – Allegro moderato*
2. *Lento*
3. *Tempo di scherzo ma non troppo vivace*
4. *Adagio – Allegro*

20:15 | Cibernúsica

Palestra pré-concerto por **Ana Maria Liberal**

Notas ao programa disponíveis em www.casadamusica.com, na página do concerto ou no separador **DOWNLOADS**.

ORQUESTRA SINFÓNICA DO PORTO CASA DA MÚSICA Christoph König *maestro titular*

A Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música trabalha regularmente com reputados maestros e solistas, destacando-se em 2012 as estreias de Stefan Blunier, Antoni Wit, Jérémie Rohrer, Felicity Lott e Cyprien Katsaris. Tem também colaborado com importantes compositores como Emmanuel Nunes, Jonathan Harvey, Kaija Saariaho, Magnus Lindberg e Pascal Dusapin, no âmbito das Residências Artísticas promovidas pela Casa da Música. Para além dos ciclos de concertos na Casa da Música, a Orquestra tem vindo a incrementar as actuações fora de portas: nas últimas temporadas estreou-se em Viena, Luxemburgo, Bélgica, Holanda e no Brasil, e regressou a Santiago de Compostela e Lisboa.

A acção da Orquestra estende-se ao universo do jazz, fado ou hip-hop, ao acompanhamento de projecção de filmes e aos concertos comentados. O compromisso com a área educativa deu origem ao projecto “A Orquestra vai à escola”, a workshops de composição para jovens compositores e a masterclasses de direcção com o maestro Jorma Panula.

A interpretação da integral das sinfonias de Mahler marcou as temporadas de 2010 e 2011. Em 2011 gravou os concertos para piano de Lopes-Graça para a editora Naxos, e foram também editadas obras de Grieg, Kodály e Bartók, realizadas ao vivo na Casa da Música.

A origem da Orquestra remonta a 1947, ano em que foi constituída a Orquestra Sinfónica do Conservatório de Música do Porto, que desde então passou por diversas designações. Engloba um número permanente de 94 instrumentistas, o que lhe permite executar todo o repertório sinfónico desde o Classicismo ao Século XXI. É parte integrante da Fundação Casa da Música desde Julho de 2006.

MECENAS ORQUESTRA SINFÓNICA
DO PORTO CASA DA MÚSICA

MECENAS CASA DA MÚSICA

APOIO INSTITUCIONAL

MECENAS PRINCIPAL
CASA DA MÚSICA



Pedro Neves *direcção musical*

Pedro Neves é maestro titular da Orquestra do Algarve e da Orquestra Clássica de Espinho. A sua personalidade artística é marcada pela profundidade, coerência e seriedade da interpretação musical. Actualmente é doutorado na Universidade de Évora, sendo o seu objecto de estudo as seis sinfonias de Joly Braga Santos.

Pedro Neves é convidado regularmente para dirigir a Orquestra Gulbenkian, Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música, Orquestra Sinfónica Portuguesa, Orquestra Metropolitana de Lisboa, Orquestra Filarmónica das Beiras, Orquestra Joensuu City (Finlândia), entre outras. No âmbito da música contemporânea tem colaborado com o Sond'arte Electric Ensemble, com o qual realizou estreias de vários compositores portugueses e estrangeiros. Desta colaboração destacam-se digressões ao Japão e à Coreia do Sul. Em Dezembro de 2012 colaborará com o Remix Ensemble Casa da Música. É fundador da Camerata Alma Mater, que se dedica à interpretação de repertório para orquestra de cordas.

Pedro Neves iniciou os estudos musicais na sua terra natal, na Sociedade Musical 12 de Abril, com a qual mantém uma ligação até aos dias de hoje. Estudou violoncelo com Isabel Boiça, Paulo Gaio Lima e Marçal Cervera, respectivamente no Conservatório de Música de Aveiro, Academia Nacional Superior de Orquestra em Lisboa e Escuela de Música Juan Pedro Carrero em Barcelona. No que diz respeito à direcção de orquestra estudou com Jean Marc Burfin, Emilio Pomarico e Michael Zilm.

Para 2013 tem agendados compromissos com as mais importantes orquestras portuguesas.

Midori *violino*

Midori estreou-se aos 11 anos como solista convidada surpresa junto da Filarmónica de Nova Iorque sob a direcção de Zubin Mehta, em 1982. É reconhecida como intérprete extraordinária, pedagoga dedicada e activista comunitária inovadora. Em 2012 recebeu o prestigioso Crystal Award do Fórum Económico Mundial em Davos, foi nomeada para a Academia Americana de Artes e Ciência e a Universidade de Yale atribuiu-lhe um doutoramento honorário em música. Ao longo dos anos, criou um novo modelo para jovens artistas que procuram equilibrar o prazer e a exigência de uma carreira de intérprete ao mais alto nível com um investimento activo no poder da música para mudar vidas.

Midori inicia a temporada em que comemora 30 anos de carreira com a apresentação da integral das sonatas e partitas para violino solo de J. S. Bach em Ravinia e outros festivais norte-americanos, depois numa série de locais culturais históricos pelo Japão e mais tarde em cidades dos EUA, Europa e Ásia. Em concerto, colabora com a Filarmónica de Munique com o maestro Zubin Mehta, a Sinfónica de Baltimore com Gilbert Varga e a Sinfónica de Vancouver com Bramwell Tovey, entre outros. Interpreta e grava o Concerto para violino de Hindemith com a Sinfónica NDR e o maestro Christoph Eschenbach. Em Janeiro de 2013, Midori e a Filarmónica de Los Angeles, dirigida por Pablo Heras-Casado, fazem a estreia mundial de um novo concerto para violino do compositor Peter Eötvös.

ORQUESTRA SINFÓNICA DO PORTO CASA DA MÚSICA

Violino I

Xuan Du*
Radu Ungureanu
Vadim Feldblioum
Zoltan Santa
José Despujols
Tünde Hadady
Emília Vanguelova
Andras Burai
Evandra Gonçalves
Roumiana Badeva
Vladimir Grinman
Ianina Khmelik
Arlindo Silva
Diogo Coelho*

Violino II

Nancy Frederick
Lilit Davtyan
Francisco P. de Sousa
Paul Almond
Pedro Rocha
Vitor Teixeira
Mariana Costa

Domingos Lopes
José Paulo Jesus
José Sentieiro
Nikola Vasiljev
Germano Santos

Viola

Anna Gonera
Hazel Veitch
Emília Alves
Mateusz Stasto
Biliana Chamlieva
Luís Norberto Silva
Rute Azevedo
Theo Ellegiers
Francisco Moreira
Jean Loup Lecomte

Violoncelo

Feodor Kolpachnikov
Gisela Neves
Bruno Cardoso
Michal Kiska
Aaron Choi

Hrant Yerosyan
Américo Martins*
Vanessa Pires*

Contrabaixo

Florian Pertzborn
Tiago Pinto Ribeiro
Jean-Marc Faucher
Nadia Choi
Joel Azevedo
Ángel Luis Martínez*

Flauta

Ana Maria Ribeiro
Alexander Auer

Oboé

Aldo Salvetti
Jean-Michel Garetti

Clarinete

Carlos Alves
António Rosa
Gergely Suto

Fagote

Gavin Hill
Pedro Silva

Trompa

Eddy Tauber
Bohdan Sebestik
José Bernardo Silva
Hugo Sousa*

Trompete

Sérgio Pacheco
Luís Granjo
Rui Brito

Trombone

Severo Martinez
Dawid Seidenberg
Nuno Martins

Tuba

Sérgio Carolino

Tímpanos

Jean-François Lézé

Percussão

Bruno Costa
Paulo Oliveira
Nuno Simões
André Dias*

Harpa

Ilaria Vivan
Ana Paula Miranda*

*instrumentistas
convidados

MECENAS PROGRAMAS DE SALA

MECENAS EDIÇÕES
CASA DA MÚSICA

A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE

mcs PORTO PALÁCIO
CONGRESS HOTEL & SPA

CONSULTORES DE SERVIÇOS DE EVENTOS

AMORIM

**RÉSEAU
VARESE**

RESECO
RECURSOS CULTURAIS DO
MUNICÍPIO DE LISBOA
Programa «Cultura»

REMA
RECURSOS CULTURAIS DO
MUNICÍPIO DE LISBOA
Programa «Cultura»

REMA
RECURSOS CULTURAIS DO
MUNICÍPIO DE LISBOA
Programa «Cultura»

EUROPE JAZZ NETWORK

ECHO EUROPEAN
CONCERT HALL
ORGANISATION

BONA, 16/17 DE DEZEMBRO DE 1770
VIENA, 26 DE MARÇO DE 1827

Abertura Egmont, op.84

Quando o exército de Napoleão abandonou Viena, em Outubro de 1809, o director do Hoftheater, Josef Härtel, decidiu levar à cena dois dramas que retratassem a opressão e a ocupação de um povo por um tirano estrangeiro para celebrar o regresso à liberdade da capital austríaca. As peças escolhidas foram *Egmont* e *Guilherme Tell*, da autoria, respectivamente, de Goethe e Schiller, dois autores maiores da dramaturgia alemã. Härtel encomendou a Beethoven a música para a obra de Goethe, enquanto o compositor boémio Adalbert Gyrowetz (1763-1850) ficou encarregue da parte musical do *Guilherme Tell*. Composta entre Outubro de 1809 e Junho de 1810, a obra número 84 da cronologia do compositor alemão inclui nove números – quatro entreactos, dois *lieder*, dois melodramas e uma sinfonia triunfal – para além da abertura. O enredo retrata a subjugação da Holanda pela Espanha e é baseado num incidente verídico ocorrido no séc. XVI, protagonizado pelo Conde Egmont que se opôs violentamente à tirania dos governantes espanhóis vindo a pagar com a própria vida a luta que travou pela independência do seu povo.

A *Abertura* começa com um poderoso uníssono tocado por toda a orquestra, num andamento *sostenuto ma non troppo* e numa tonalidade menor (Fá). Duas sequências de acordes graves e sustentados que retratam o carácter nobre e enérgico do Conde Egmont dialogam com outras tantas breves e expressivas frases musicais declamadas pelas madeiras. Um silêncio desconfortável abate-se sobre os últimos compassos desta introdução. Uma melodia sinistra e ameaçadora tocada pelos violoncelos abre a secção central da obra, um *allegro* impetuoso. A partir daqui tem início uma luta impetuosa pela liberdade; o ritmo inicial da abertura reaparece transformado, como se quisesse representar a ira do povo oprimido. Um silêncio súbito assinala o momento da decapitação do Conde Egmont; uma sequência de acordes em *pianissimo* interpretada pelos sopros sustenta esse momento. Um *allegro con brio* e a mesma tonalidade de Fá, agora no modo maior, são as armas musicais de Beethoven para descrever a emocionante e viva canção da vitória entoada por toda a orquestra.

HANAU, PERTO DE FRANKFURT, 16 DE NOVEMBRO DE 1895
FRANKFURT, 28 DE DEZEMBRO DE 1963

Concerto para violino e orquestra

Ao contrário da abertura de Beethoven, o Concerto para violino e orquestra de Paul Hindemith foi escrito numa época em que a Europa vivia uma situação de extrema convulsão e estava à beira de um novo conflito à escala mundial. Em finais de 1939, em vésperas de estalar a Segunda Grande Guerra, Hindemith decide exilar-se na Suíça. Dois motivos estiveram na base dessa decisão: as relações cada vez mais tensas com o partido Nazi, que lhe havia banido duas obras, e as origens judias da sua esposa Gertrude. É em terras helvéticas que o compositor alemão dá forma à obra que lhe havia sido encomendada nesse mesmo ano pelo director da orquestra do Concertgebouw de Amesterdão, Willem Mengelberg. Seria Mengelberg a estreitar a obra na capital holandesa, com a “sua” orquestra e com o violinista Ferdinand Hellmann, num concerto realizado a 14 de Março de 1940, dois meses antes de a Holanda ser invadida pelas tropas de Hitler. Hindemith, que nessa data viajava para os EUA onde se viria a radicar, não assistiu à estreia.

O Concerto para violino e orquestra que vamos ouvir esta noite numa interpretação da violinista Midori obedece à estrutura clássica de três andamentos: *Mässig bewegte Halbe* (Andamento moderado em compasso de 2/2), *Langsam* (Lento) e *Lebhaft* (Vivo). É uma obra que transparece uma extrema angústia e tensão interior, à semelhança do que ocorre com o Concerto para violoncelo e a Sinfonia em Mi bemol, obras suas contemporâneas. O ambiente tenso manifesta-se logo nos compassos iniciais do primeiro andamento, através do ritmo irregular do solo dos tímpanos que se prolonga pela melodia que o violino expõe a seguir e que a orquestra sustenta. O segundo tema solista aparenta mais calma, mas o seu lirismo é inquieto e pouco apaziguador. Um *tutti* orquestral ríspido e marcial preenche o desenvolvimento até que um diálogo enérgico e tenso entre os dois temas dá início à reexposição. O andamento termina com uma coda viva e provocadora.

É no andamento lento, o segundo, que Hindemith deixa transparecer os sentimentos de angústia e tristeza profunda que o assolavam durante o exílio. A primeira metade do andamento é dominada por uma cantilena melancólica do violino entrecortada por pequenos aponamentos dos metais e das cordas. À medida que o trecho vai progredindo, a cantilena vai crescendo em força e intensidade e vai-se transformando numa massa sonora grandiosa e agressiva envolvendo toda a orquestra. Restabelecida a calma, embora ainda com a angústia e a tristeza subjacentes, a cantilena regressa, agora pelas mãos do clarinete.

Determinação e confiança no futuro parecem ser o mote do terceiro e último andamento do Concerto, que se inicia com uma introdução vigorosa da orquestra seguida de uma melodia viva e exuberante do violino. Um segundo tema mais lírico parece contradizer toda a reso-

lução inicial, mas um *tutti* feroz e intenso desmente essa intenção. A única e longa cadência da obra surge perto do final. Uma passagem bem-humorada nas madeiras sobre um extenso trilo do violino dá por terminada a cadência e uma fanfarrinha triunfante dos metais conduz o trecho para uma brilhante e poderosa coda final.

JOLY BRAGA SANTOS

LISBOA, 14 DE MAIO DE 1924

LISBOA, 18 DE JULHO DE 1988

Sinfonia nº 3, op.15

“Sob a influência de Luís de Freitas Branco, abordei nos primeiros tempos da minha carreira a forma complexa e exigente da sinfonia orquestral. Essa ideia de contribuir para um sinfonismo latino e reagir à tendência predominante das gerações que me precederam, de rejeitar a monumentalidade na música, vinha ao encontro da minha inclinação natural. O modalismo e os elementos básicos da forma-sonata foram os veículos de que me servi [...] por considerá-los os mais adequados ao que pretendia: clareza de planos harmónicos, luta dramática entre temas de características antagónicas, desenvolvimento contínuo, variação amplificadora e raiz cíclica [...]” Este excerto, que faz parte de um texto escrito por Joly Braga Santos, em 1986, para acompanhar o LP editado pela PortugalSom com a gravação da Sinfonia nº 5, retrata, na íntegra, o conteúdo e a estrutura musical da Sinfonia nº 3 que preenche a segunda parte do concerto de hoje.

Escrita entre Abril de 1948 e Outubro de 1949 em Reguengos de Monsaraz, mais concretamente no Monte dos Perdigões, propriedade de Luís de Freitas Branco, mestre e mentor de Joly Braga Santos e dedicatário da obra, a 3ª Sinfonia é a que mais deixa transparecer a preponderância da música popular, mais concretamente a da província onde foi escrita, o Alentejo. Contrariamente ao que é hábito nas obras de autores portugueses, esta Sinfonia foi estreada apenas dois meses após ter sido concluída. A interpretação esteve a cargo da Orquestra Sinfónica da Emissora Nacional, dirigida por Pedro de Freitas Branco, num concerto realizado no Teatro de São Carlos, em Lisboa, no dia 11 de Dezembro de 1949.

Estruturada em quatro andamentos: *Lento – Allegro moderato; Lento; Tempo di scherzo ma non troppo vivace; Adagio – Allegro*, a obra utiliza os recursos de uma formação orquestral sinfónica com 2 flautas, 2 oboés, 2 clarinetes, 2 fagotes, 4 trompas, 3 trompetes, 3 trombones, 1 tuba, tímpanos, percussão (pratos, tarola, bombo, triângulo, tam-tam, tambor) e 2 harpas, para além das cordas. Nos 37 compassos que formam a introdução do 1º andamento – *Lento* –, Braga Santos introduz os principais motivos e desenhos musicais sobre os quais toda a sinfonia vai ser construída: uma espécie de coral tocado pelos instrumentos mais graves das cordas (violões, violoncelos e contrabaixos); dois temas cíclicos apresentados pela trompa e pelo trompete, respectivamente; curtos apontamentos rítmicos executados pelos timbales, madeiras e metais, por

esta ordem; e uma longa e melancólica melodia no fagote. O andamento continua com um *Allegro moderato* escrito na forma-sonata onde dois “temas de características antagónicas”, como escreveu o compositor na citação acima, se desenvolvem de forma irrequieta e irreverente: o 1º, exposto pelas madeiras e apoiado por *ostinatos* nas cordas, é leve e jovial; o 2º, a cargo dos violinos, é lírico e fluente. Na reexposição, o 1º tema é reproduzido textualmente pelos mesmos instrumentos, enquanto o 2º é transferido para o oboé. Uma coda curta, mas brilhantemente orquestrada, confere um final apoteótico ao trecho.

O 2º andamento começa com uma série de acordes longos e espaçados no naipe das cordas, a fazer lembrar o coral do início do primeiro andamento mas agora num espectro sonoro mais alargado e com a intervenção dos violinos. Esta série vai ser interrompida duas vezes – primeiro pelos clarinetes, depois pelas flautas e fagotes – por uma melodia viva e de forte carácter alentejano, construída a partir do tema apresentado pela trompa no primeiro andamento, que virá a ser o tema principal da Sinfonia. O segundo andamento evolui para uma secção central onde um pulsar lento de *pizzicatos* nas cordas sustenta o oboé na interpretação de uma nova melodia expressiva e lânguida. Na reexposição o oboé é substituído pelos violinos e o *pizzicato* transforma-se numa série de arpejos na harpa.

Para o *Tempo di scherzo*, Joly Braga Santos transforma o tema principal da sinfonia numa dança popular em compasso ternário. A alegria e a jovialidade do tema são transmitidas pelas madeiras (flautas, oboés e clarinetes), cabendo aos *ostinatos* das harpas e das cordas assegurar a tensão e o ritmo de dança. O segundo tema, enérgico e vivo, a recriar um ambiente renascentista, surge nas cordas e na trompa. O *trio* é uma secção breve e com uma orquestração de carácter oriental, num tempo *Ancora meno mosso*. O exotismo é dado pelos apontamentos do triângulo e da caixa, e pelas passagens em surdina dos trombones sobre os quais os violinos, as violas e as flautas desenharam uma melodia altiva e distante. Uma passagem cromática descendente executada pelas cordas agita o ambiente do andamento antes de o tema dançante inicial reaparecer com a mesma distribuição orquestral.

O último andamento, *Adagio – Allegro*, da Sinfonia começa da mesma forma que o primeiro, isto é, com uma introdução lenta; a diferença está em que, agora, o motivo melódico é tocado em uníssono pelos trompetes, trombones e tubas. Logo a seguir surge o tema alentejano que foi apresentado no segundo andamento no naipe dos metais, com um carácter solene e austero e com uma escrita em forma de coral. Num tempo *Molto tranquillo*, Joly Braga Santos constrói uma fuga no naipe das cordas a partir do motivo inicial das trompas, com o tema a começar nos 1ºs violinos. Uma segunda fuga *Allegro doppio movimento* tem início nas madeiras, estende-se até às cordas, sobrepõe-se à primeira e desemboca num épico *tutti* orquestral. A coda, em *Adagio*, vem recordar o coral do primeiro andamento e conduzir o último por um crescendo gradual e progressivo até um possante acorde de Dó maior, dando por concluída esta superlativa obra sinfónica.